

DAN SMITH

A GRANDE  
CAÇADA

Tradução

GUILHERME MIRANDA

**SÉQUINTE**

O selo jovem da Companhia das Letras

Edição original em língua inglesa publicada em 2015 com o título de *Big Game* por  
The Chicken House, 2 Palmer Street, Frome, Somerset, BA11 1DS  
Copyright da tradução © 2015 Chicken House Publishing Ltd

Copyright do texto © 2015 by Dan Smith

Baseado na história original de Jalmari Helander e Petri Jokiranta, 2015  
Baseado no filme original produzido por Subzero Films, Altitude Film  
Entertainment e Egoli Tossell

O autor assegura seus direitos morais.  
Todos os direitos reservados.

A Editora Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL *Big Game*

CAPA kakofonia.com

PREPARAÇÃO Paula Marconi de Lima

REVISÃO Julia Barreto e Renato Potenza Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Smith, Dan

A grande caçada / Dan Smith ; tradução Guilherme Miranda. —  
1ª ed. — São Paulo : Seguinte, 2015.

Título original: *Big Game*.

ISBN 978-85-65765-60-2

1. Ficção em inglês I. Título.

---

15-00497

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura inglesa 823

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

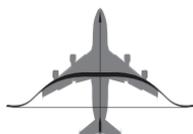
Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.seguinte.com.br

contato@seguinte.com.br

## A PRIMEIRA CAÇADA



ABAIXADO SOB A SOMBRA DAS BÉTULAS, levantei a cabeça para sentir o cheiro da brisa. Um aroma almiscarado de musgo e terra molhada invadiu minhas narinas, mas havia algo a mais no ar, alguma coisa quente e selvagem.

Continuei parado, atento a qualquer movimento.

Ali.

Alguna coisa estava logo à frente, camuflada entre os vários tons de verde da floresta.

Sem tirar os olhos das árvores, peguei um punhado das últimas folhas de outono no chão. Secas e amarelas, joguei-as para cima e deixei caírem sobre mim. Assim o que quer que estivesse na mata não conseguiria me farejar. Eu estava sob o vento. Segurei firme o arco que estava na minha mão esquerda e peguei uma flecha na aljava com a mão direita. A ponta estava afiadíssima.

Encaixei a flecha no arco e dei um passo à frente sem emitir um som sequer. Parei um instante e dei outro passo, avançando devagar. À minha frente, o chão da floresta estava coberto de folhas secas e gravetos. Mas eu era um caçador. O

melhor caçador da nossa aldeia. Passaria por cima delas como um fantasma.

Ao pisar o tapete de folhas avermelhadas, mantive as plantas dos pés tocando o chão. O tempo parou. Meu coração batia mais devagar. Meus músculos estavam relaxados e minha mente, calma.

Foi então que avistei. Não muito longe. Um vulto em meio à folhagem.

Era o maior bicho que eu já tinha visto, altivo e imponente, com a cabeça voltada para a minha direção. Suas galhadas eram enormes; a envergadura devia ser do tamanho dos meus braços abertos.

Depois de endireitar minha postura e respirar fundo, ergui o arco e puxei a corda contra minha bochecha. Fechei um olho e mirei, deixando que o ar saísse dos meus pulmões num fluxo constante.

*Agora.*

Quando soltei a corda, a flecha zuniu pela floresta. Cortou o ar e atravessou a curta distância num instante: um míssil mortal de madeira e pena, disparado numa linha reta e segura.

Mas a flecha esbarrou num ramo que balançava e foi desviada para a direita. Ela girou e se contorceu, batendo no tronco prateado de uma bétula e caindo sobre as folhas como um graveto inofensivo.

— Droga.

Na mesma hora, peguei outra flecha, ajeitei-a na corda, puxei e atirei.

Dessa vez, a flecha atravessou a folhagem, mas perdeu força no momento em que tocou o cervo. Quando atingiu a traseira do animal, ricocheteou e sumiu na vegetação rasteira.

— Ah, não!

Eu me aproximei e disparei novamente. Dessa vez quase acertei o coração do bicho, mas, de novo, a flecha não conseguiu penetrar sua pele.

— Estou morto — eu disse, abaixando o arco. — Nunca vou passar no Teste.

De repente me dei conta da realidade. Eu não era o melhor caçador da aldeia. Não era nem o melhor caçador da minha *idade*. Eu era um caso perdido. Meu arco era mais fraco que o dos outros meninos porque eu não tinha força suficiente para usar nada maior, e minha mira era péssima.

Suspirei com tristeza enquanto caminhava em direção ao vulto atrás das árvores, afastando a folhagem da frente e parando ao lado dele. À distância, parecia de verdade, mas, de perto, o cervo não passava de um monte de galhos e musgo cobertos por um velho cobertor cor de café. Meu pai e eu havíamos montado o bicho um mês antes para que eu praticasse ali no bosque atrás de casa.

Praguejei, coloquei outra flecha no arco e disparei contra o boneco à queima-roupa. A ponta da flecha penetrou o cobertor bem no coração do bicho de mentira.

Balancei a cabeça. Talvez eu me desse bem se conseguisse me aproximar de algum animal. Ou talvez tivesse sorte, ou...

Passos atrás de mim.

Me virei e esperei. Sabia que era meu pai porque reconheci o ritmo e o peso de seus passos. Ele era um homem grande, com uma passada longa, mas leve.

— Oskari — ele chamou, afastando os galhos para me ver.  
— Praticando de última hora?

Tirei o cabelo da frente dos olhos e encolhi os ombros, tentando ignorar a sensação de pavor crescente pelo que estava por vir. Meu aniversário de treze anos era no dia seguinte, mas, antes que eu virasse homem, precisava enfrentar o Teste.

— Então... — ele hesitou, como se não soubesse muito bem o que dizer. — Todo mundo está esperando. Está pronto para ir?

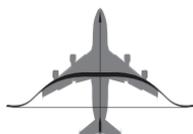
— Acho que sim. — Mas continuei parado onde estava.

Meu pai me observou por um instante. Então se aproximou e colocou a mão embaixo do meu queixo, erguendo meu rosto para que eu olhasse em seus olhos.

— Tudo bem — ele disse. — Você vai ficar bem.

Assenti e tentei sorrir. Mas eu não tinha a sensação de que ficaria bem.

## O TERRITÓRIO DAS CAVEIRAS



MEU ESTÔMAGO REVIRAVA QUANDO DEIXEI O ARCO num canto do quarto e saí de casa.

Meu pai esperava na perua, com o motor ligado, batendo os dedos no volante.

— Venha logo! — ele gritou pela janela aberta. — Precisamos ir.

Fechei a porta da casa e corri para o carro, mas, quando dei a volta para abrir a porta do passageiro, meu pai balançou a cabeça.

— No caminho para o Teste, você vai no banco de trás — ele disse. — Na volta pode sentar na frente como um homem. É assim que as coisas são.

Sem responder, fui para o banco traseiro. Fazia tempo que não sentava ali, e isso só me fazia sentir ainda menor.

Meu pai ligou o motor barulhento e saiu com o carro. Ele me olhou pelo retrovisor e passou os dedos pela barba, como se pensasse em alguma coisa.

— Eu sei que você não quer fazer isso, mas tradição é tradição.

— Eu *quero* fazer — respondi.

Ele abriu a boca para falar, mas pensou melhor e, em vez disso, fechou a janela. Na mesma hora, a brisa fria cessou e ficou quente na parte de trás. O ar estava parado e tinha cheiro de botas velhas.

Atravessando a aldeia, a estrada esburacada estava lotada de carros à nossa espera e, quando passamos, eles buzinaaram e começaram a seguir em comboio atrás de nós. Tentei não pensar que todos estavam *me* seguindo, iriam ver o *meu* Teste.

— Imite um alce — meu pai pediu.

Respirei fundo, levei as mãos à boca e tentei fazer o som que ele havia me ensinado.

— *Muóig! Muóig!*

Meu pai franziu a testa.

— Bom, é quase isso, mas está parecendo mais um velho roncando. Será que seu cervo está melhor?

Quando tentei fazer o som, porém, parecia um gato se afogando. Meu pai balançou a cabeça e voltou a atenção para a estrada.

Fechei os olhos e desejei estar em outro lugar.

— Desculpe.

— Você vai ficar bem, Oskari — ele disse, pela quinta vez. No entanto, parecia que estava tentando convencer a si mesmo de que eu não seria uma decepção. — Tudo de que você precisa está no quadriciclo. Mas, se lembrar o que ensinei, não vai precisar de nada. No meu tempo, nem havia quadriciclo, apenas nossos pés, e nos virávamos muito bem. Bem, me fale quais são os dois itens mais importantes agora.

— Hum...

— Vamos, Oskari. Os dois itens mais importantes.

— Minha faca.

— Sim.

— E meu kit de fogo.

— Você está com os dois?

— Bem aqui. — Dei um tapinha na faca pendurada no cinto e toquei o bolso da jaqueta, onde estava o tubo à prova d'água que continha meu kit de fogo.

— Muito bem. Enquanto estiver com eles, vai conseguir sobreviver a qualquer coisa, em qualquer lugar. Sempre ande com eles. Nunca os coloque na bolsa e não vá perder, hein? Lá fora, podem ser a diferença entre a vida e a morte.

— É só uma noite — eu disse, tentando parecer corajoso.

— Não importa. Uma noite na floresta já é o suficiente. Qualquer coisa pode dar errado e você sabe disso. A faca e o kit de fogo vão mantê-lo aquecido, seguro e bem alimentado enquanto precisar. E você terá o arco, claro.

O arco. Só de pensar nele eu sentia um frio na barriga.

Suspirei e olhei pela janela suja da traseira do carro em meio aos solavancos do trajeto. Fazia tempo que a aldeia tinha ficado para trás, perdida entre as árvores, enquanto subíamos pelos contrafortes da montanha mais alta daquele lado da floresta, o monte Akka.

Atrás de nós, o reboque chacoalhava sobre a estrada esburacada, carregando o quadriciclo do meu pai. Preso às correntes, o veículo se agitava, como se estivesse vivo e louco para se soltar. Com a pintura verde lascada, ele era grande, velho

e enlameado. Estava em casa desde que eu me entendia por gente, e meu pai vivia fazendo consertos ou trocando peças, porque não tinha dinheiro para comprar um novo.

Havia uma fila de veículos atrás de nós: um conjunto variado de caminhonetes velhas e enferrujadas e peruas quatro por quatro. Algumas estavam cheias de equipamento e cobertas por lonas que balançavam ao vento; outras puxavam trailers velhos, caindo aos pedaços. Eu as observei por um momento e me senti mal ao pensar em todos aqueles homens, homens que subiam a montanha para me ver iniciar o Teste, homens que achavam que eu fracassaria porque não era o mais forte nem o melhor em nada.

Minha mãe sempre dizia que era normal demorar para crescer. Quando eu voltava da escola cheio de machucados, ela me fazia um chocolate quente e dizia que era questão de tempo até eu ficar maior e mais forte que meninos como Risto e Broki, mas que eles nunca seriam tão inteligentes quanto eu. Meu pai sorria e concordava.

— Maior, mais forte e mais esperto — dizia ele. — Um dia, você vai ser mais que um mero caçador.

Mas, agora que minha mãe estava morta, ele quase não sorria mais.

À esquerda da estrada, os rochedos e os incontáveis pinheiros se estendiam para dentro da floresta que se erguia em torno do monte Akka. Lá, a mata exuberante era densa, sombria e cheia de vida. Naquele momento, porém, eu não queria pensar em nada que havia lá, como ursos capazes de arrancar a cabeça de uma pessoa com um só golpe de suas

patas, glutões do tamanho de cachorros, com dentes capazes de esmagar ossos. Minha mãe costumava me contar histórias sobre outras criaturas também, como o *Ajatar*, o Diabo da Floresta, que tinha forma de dragão e podia deixar uma pessoa doente só de olhar para ela. Havia também a história do *näkki*, monstro que vivia nos pântanos e lagos e mudava de forma, esperando para puxar suas vítimas e afogá-las. Tudo historinha, claro, mas eu adorava quando ela sentava na beira da minha cama e falava sobre esses monstros antes de me dar um beijo de boa noite e apagar a luz. Ela conhecia todas as histórias.

— Você está pensando na sua mãe. — A voz do meu pai estava baixa. — Sempre sei quando você está pensando nela.

Eu não disse nada.

— Também sinto falta dela. — Era quase um murmúrio, como se ele não quisesse admitir.

Do outro lado da estrada havia um desfiladeiro que dava para o nada. Se meu pai dirigisse muito perto da borda, cairíamos da beira do abismo e levaríamos um bom tempo até chegar ao chão.

— Tenho uma coisa para você — meu pai disse. Ele abriu o porta-luvas e vasculhou lá dentro, inclinando-se para o lado, sem tirar os olhos da estrada. Havia de tudo ali: papéis amassados, cartuchos para o rifle, uma faca velha com cabo de osso, pedaços soltos de barbante e um maço de cigarros aberto. Ele pegou, porém, um rolo amassado de papel, que passou para mim, dizendo:

— Tome. Para você.

— O que é isso? — perguntei, estendendo o braço trêmulo para pegar.

O papel estava amarelado, parecia velho. Estava endurecido, com um vinco por ter sido esmagado no porta-luvas, e tinha cheiro de óleo.

Meu pai pegou o maço e tirou um cigarro antes de jogá-lo de volta no porta-luvas e fechar a portinha. Quando acendeu o cigarro e abriu só uma fresta da janela, o vento soprou toda a fumaça no meu rosto. Me afastei para não ser atingido.

— Vamos — meu pai disse. — Abra.

Hesitei por um instante. Então respirei fundo e desenrolei o papel: era um desenho antigo.

— É um mapa? — Reconheci um ou dois lugares marcados nele. Dava para ver a estrada em que estávamos agora e a floresta que se estendia à nossa esquerda. E, no alto dos contrafortes, na base do monte Akka, estava o Território das Caveiras, nosso destino. Logo abaixo, na margem do mapa, estava nossa aldeia.

— Tem uma cruz vermelha — meu pai falou.

Passei o dedo pelo mapa, sentindo as rugas e saliências do papel velho e endurecido.

— Sim. O que é? — Fixei meu dedo sobre a cruz. Parecia nova, como se alguém a tivesse desenhado com um marcador vermelho recentemente.

— É o nosso segredinho — meu pai disse. — Um lugar onde sempre há cervos. — Ele tirou as mãos do volante e estendeu os braços. — Estou falando de cervos machos, bonitos, com galhadas grandes.

— Um campo de caça secreto? — Estudei a cruz vermelha, já sentindo o mistério do lugar. Lembrei que minha mãe dizia que o cervo seria o meu animal, o que a floresta *ofereceria* para mim.

— Exato. Então vá para lá, espere até o amanhecer e fique sob o vento.

— Tá bom, pai. — Tirei os olhos do mapa e olhei para ele. — Eu sei como chamar cervos.

Mas vi a reação dele. A maneira como arqueou a sobrancelha e desviou os olhos para encarar a estrada.

— O campo de caça secreto fica num grande planalto perto do topo da montanha — ele disse. — Descanse antes de chegar ao pico e suba ao amanhecer. Você vai achar um cervo e passar no Teste.

Descansar. No escuro. Sozinho na floresta do monte Akka por uma noite inteira. Eu não tinha pensado em mais nada nas duas últimas semanas. Sonhava com aquilo e acordava apavorado, com um peso no peito.

Engoli em seco e tentei me sentir forte, por mim e por meu pai. Aquilo era importante para nós dois.

— Pai?

— Hum?

— Quero que você saiba... o Teste... eu vou fazer o melhor possível.

— Eu sei que vai.

Voltei a olhar para o mapa. Então enrolei o papel e o guardei no bolso. Quando ergui os olhos, meu pai ainda me observava pelo retrovisor.

— Mas não sei se meu melhor vai chegar a ser...

— Seu melhor vai ser bom o suficiente. — Meu pai assentiu e abriu um sorriso forçado, mas nós dois sabíamos: *ele* era um herói, uma *lenda*, e qualquer coisa que eu fizesse *nunca* seria boa o suficiente.

Começava a escurecer à medida que a estrada se enveredava por entre as árvores, e meu pai nos guiava cada vez mais para o alto e para dentro dos contrafortes. Continuamos a subir e adentrar aquele mundo verde e marrom, repleto de pinheiros e abetos tão altos que eu precisava pressionar o rosto contra o vidro sujo para ver suas copas. O cheiro fresco e doce que entrava pela janela aberta me lembrava das manhãzinhas na floresta. No último mês, todos os dias meu pai me acordara ao nascer do sol e me levava à floresta atrás de casa para me ensinar a fazer fogueiras e construir abrigos. Ele me fazia perseguir animais, usar camuflagem e disparar uma flecha atrás da outra no cervo de mentira, usando seu arco em vez do meu. No entanto, nunca tive força suficiente para puxar completamente a corda do arco dele, e isso o preocupava tanto quanto a mim.

Meu pai amassou o cigarro no cinzeiro e fechou a janela.

— Quase lá — ele disse.

Senti um friozinho na barriga e me obriguei a concordar com a cabeça.

— Pois é.

Me ajeitei para o lado para ficar logo atrás dele e peguei no bolso uma foto que tinha tirado do mural do Chalé de Caça. Mais ou menos do tamanho de um cartão-postal, ela

era antiga, assim como o mapa, e tinha um vinco no meio. Eu a desdobrei e olhei para a imagem de meu pai em seu aniversário de treze anos. Com um grande arco em uma das mãos, ele estava curvado sob o peso do urso-pardo que carregava nas costas. Eu duvidava que algum dia chegaria a ser tão forte e corajoso quanto ele.

— Eles vão ver só — meu pai disse, como se soubesse no que eu estava pensando.

Dobrei a foto e guardei-a no bolso no mesmo instante em que ele olhou pelo retrovisor.

— Você tem o cérebro da sua mãe, Oskari. Você é esperto. Muito mais do que eu jamais fui. Não precisa ser o maior nem o mais forte para passar no Teste, já te falei isso.

No entanto, naquele momento, eu não conseguia pensar em nada que fosse mais útil do que ser o maior e mais forte. O mais corajoso, talvez. Um rifle também seria mais útil.

— Não esqueça o mapa — meu pai falou. — Não vá perder, hein!

À frente do comboio, fomos os primeiros a chegar ao topo dos contrafortes e entrar no Território das Caveiras, ao sopé do monte Akka. Sacolejando, subimos por uma grande clareira pedregosa que eu nunca tinha visto, mas sobre a qual os meninos mais velhos já haviam comentado. Era quase inteiramente cercada pela floresta densa e por rochas escarpadas que se erguiam em praticamente todos os lados, menos na parte final, onde havia um despenhadeiro. De lá dava para ver as nuvens espessas que cobriam os picos das outras montanhas. Meu pai dirigiu quase até a beirada, as pedrinhas soltas esta-

lando sob os pneus, e fez uma volta brusca, parando bem em frente ao Território das Caveiras antes de desligar o motor.

No lado oposto da clareira, uma nuvem negra emergia do topo das árvores. Ela ascendia para o céu cinza e se desfazia no que pareciam ser centenas de corvos. Eles rodopiavam e se espalhavam em várias direções antes de descer novamente.

Quando os homens da minha aldeia conversavam sobre aquele lugar, falavam como se fosse um local sagrado, como se fizesse parte deles. E, apesar de alguns amigos meus já terem me falado a respeito e de meu pai ter tentado me preparar, eu nunca teria imaginado que seria daquele jeito.